

HIBRIDISMOS NAS DECORAÇÕES DE AMBIENTES ESCOLARES¹

DRUMOND², José Cosme – UEMG / UERJ – jose.cosme@uemg.br

GT: Currículo / n.12

Agência Financiadora: CNPq

Introdução

Este trabalho é parte de resultados de investigação sobre espaços e currículos realizada em escolas de Belo Horizonte para subsidiar a elaboração de minha dissertação de mestrado em educação. Os resultados desta investigação mostraram que os espaços constituídos com finalidade educativa resultam em três arquiteturas: arquitetura do lugar da escola, as edificações e instalações constituídas para tornar realizável o currículo; uma segunda arquitetura produzida pela reordenação dos espaços a partir dos projetos de currículo implementados; e uma terceira arquitetura que se refere à constituição de ambientes curriculares. Esse trabalho busca analisar um dos componentes dessa terceira arquitetura, que são as decorações ambientais.

As decorações do interior dos espaços, tanto salas de aula, quanto de espaços de circulação, bem como dos espaços especializados, suscitam interpretações de várias ordens. As decorações dos ambientes nas escolas podem estar nos vários lugares, tanto nas salas de aula, quanto nos outros espaços, móveis e motes decorativos e podem ser, também, instrumentos de territorialização e de identificação dos lugares mapeados (Certeau, 1995). Assim há indicações para a sala da direção, a biblioteca, o laboratório, os saguões, as salas de aula. Esse dispositivo busca garantir a funcionalidade do mapeamento e as diferenciações dos territórios. Além disso, as decorações têm funções estritamente curriculares, incluindo as funções formativas gerais de caráter ético e moral.

Decorações curriculares e seus discursos híbridos

¹ Esse artigo é resultante de pesquisa de Mestrado em Educação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ na linha de pesquisa Cotidiano e Cultura Escolar, sob a orientação da Dr^a Alice Casimiro Lopes.

² Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação –PROPED/UER.

Essas decorações, na maioria dos casos, constituem-se híbridos culturais em que é visível a convivência de conteúdos e materiais de variados. Há a conjugação de materiais visuais, textos, adornos que, originariamente, têm destinações diferentes de sua aplicação nos ambientes escolares. Temas leigos e mundanos podem estar compondo elementos decorativos, assim como materiais culturais estrangeiros podem estar integrando dísticos de caráter cívico. Há um processo de hibridação presente nos materiais e nos elementos decorativos que não denotam preocupação com a relação materiais, conteúdos, formas, estilos e inserção histórica das produções reutilizadas. Assim, pode-se dizer que, no caso das decorações curriculares, a hibridação:

não só se refere a combinações particulares de questões díspares, como nos recorda que não há formas (identitárias, materiais, tecnologias de governos, etc.) puras nem intrinsecamente coerentes, ainda que essa mescla não seja intencional. (Dussel, 2002, p 65).

São representações docentes e discentes de caráter cultural, cujas mensagens são produzidas por meios estéticos e comunicacionais, com características próprias, que podem ser, assim, caracterizadas:

a) O uso de figuras e textos conjugados com função de contextualizações éticas, morais e políticas, como já foi dito anteriormente, e são utilizadas de forma mais ou menos permanentes, a partir de critérios de utilização ligados a momentos de práticas curriculares reais;

b) O uso de textos formativos de cunho moral e ético. Nesse ponto, em vários dos dísticos inseridos em cartazes, há representações de crianças, jovens e adultos idealizados e certa *pieguice*, com discursos sobre relações entre gestoras(es), funcionárias(os), professoras(es) e alunas(os). Poder-se-ia dizer que se observa, então, a diferença entre as representações idealizadas nos discursos dos profissionais da escola e suas representações práticas vislumbradas no contexto curricular. E há, também, o uso de frases feitas de cunho moralista, frases de cunho religioso e político, bem como figuras de pessoas, lugares e objetos que, nem sempre, compõem uma articulação lógica entre os elementos.

c) O uso de figurações e textos vinculados aos chamados conteúdos programáticos curriculares são materiais de uso no contexto curricular, propriamente dito, e buscam fornecer subsídios para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Cartazes de leitura, elementos textuais com formas escritas para a alfabetização, materiais para sustentar atividades específicas de conteúdos variados. Os discursos desses materiais permite compreender, dentre outras coisas, como o(a) professor(a) concebe os elementos que compõem o currículo – alunos, professor, conteúdo - e os instrumentais curriculares práticos, conforme se pode ver na fotografia a seguir em que há cartaz comemorativo da primavera, materiais de alfabetização, dentre outros.



Os professores são influenciados pelos diversos discursos pedagógicos e curriculares que perpassam seu percurso profissional, nos lugares em que se formam profissionalmente, nas relações de trabalho, nas relações sociais amplas e nas mídias que acessa. Esses discursos são constituintes de seus próprios discursos sobre o aluno - em relação à idade, à capacidade cognitiva, sua origem social, questões de gênero e etnia, etc. Isso se aplica ao próprio professor como sujeito e as relações entre profissão, gênero, idade, etnia, formação e origem social, etc. Esses processos discursivos inserem-se no contexto curricular e intentam a adequação dos conteúdos aos alunos e dos instrumentais à cognição desses conteúdos. É possível, ainda, analisar seus discursos sobre ciência e saberes científicos, senso-comum e saberes práticos. Vê-se que

esses materiais decorativos apresentam, não raro, uma composição híbrida, nesta perspectiva.

d) O uso de símbolos patrióticos, religiosos e políticos, bem como o uso de estátuas, imagens, gravuras e retratos de personalidades sociais, políticas e religiosas, comum nas escolas, têm vínculo com a vida cotidiana social, tanto de caráter mais fixo, quanto de caráter mais ou menos momentâneo e veiculam discursos relacionados à vida cotidiana das escolas.

A presença de elementos religiosos, predominantemente católicos, como se vê na ilustração fotográfica a seguir, é muito comum nas escolas públicas, aliadas a práticas de orações como demarcadores rituais (Maclaren, 1991) e eventuais cultos desenvolvidos no seu interior, embora haja dispositivos constitucionais da laicidade do Estado e da liberdade de religião, o que impingiria de ilegalidade tais práticas. Os demarcadores rituais, dentre os quais se incluem os de cunho religioso, estão vinculados a alternâncias de processos desenvolvidos no contexto curricular: entrada, saída, mudança de um espaço para outro, etc.



Coroação de Nossa Senhora -Escola Pública de Belo Horizonte

É possível encontrarem-se peças artísticas apostas nos espaços da escola, desde peças autorais de artistas – esculturas, pinturas, gravuras, instalações, etc.- que convivem com reproduções de obras de grandes pintores, material fotográfico e outros de cunho puramente decorativo, na sala de direção, nos saguões e espaços coletivos, por exemplo.

Há, também, espaços sem nenhuma decoração, espaços de paredes vazias, convivendo com espaços multidecorados, com materiais diversos formando verdadeiras bricolagens estéticas, nos ambientes.

Esses elementos, se olhados pelo ângulo da cultura, podem ser analisados, em muitos casos, como discursos que compõem o imaginário social e seu uso pode não estar dotado de intencionalidade objetiva, porque são impregnações culturais constituídas nos processos pelos quais todos nós passamos no transcorrer de nossa existência.

No caso de personalidades sociais, como artistas, autores de grandes feitos e políticas, tais como governantes, é possível buscar dois fundamentos, um de cunho cívico, em que as glórias e os feitos individuais são utilizados como exemplos morais que sustentam esse tipo de discurso. Esses elementos decorativos e podem ser mais ou menos fixos, nos espaços da escola, tanto em territórios de uso coletivo, como na sala de aula. Mas é possível que veiculem valores políticos, religiosos, éticos e morais, por opção de grupos ou organizações sociais, que têm penetração na escola. De qualquer forma, todos esses elementos decorativos configuram discursos presentes no contexto curricular.

Decorações curriculares nas salas de aula: variações discursivas, bricolagens e práticas de poder

As salas de aula são espaços privilegiados das decorações. Assim é possível encontrar, em seu interior, vários tipos de decoração de ambiente. Sob o ponto de vista estético, os materiais decorativos podem variar muito. As decorações das salas de aula têm processos de hibridação que podem variar do cívico ao moral, do pedagógico ao ético, do estético à higienização, podendo ser encontradas combinações indistintas e díspares em seus variados discursos.

As salas de aula são decoradas de forma diferenciada a partir de alguns fatores como níveis de escolarização, projetos curriculares, época do ano, etc. Em todas as decorações, existe uma arquitetura de ambientes curriculares que visa a propiciar o desenvolvimento das práticas curriculares. Assim, um projeto mais globalizado, com previsões de ações de escolarização mais detalhadas e inter-relacionadas, pode viabilizar a produção de ambientes decorados de forma mais coesa. Com um projeto,

cujas ações sejam menos articuladas, as salas de aula têm suas ambientações instaladas a partir de critérios mais individualizados de acordo com os docentes.

Um projeto curricular integrado, que se caracteriza por ações inter-relacionadas, a partir de um projeto pedagógico globalizado, tende a proporcionar as condições para que se pense em produção coletiva de materiais de ambientação, uma vez que esses projetos buscam um encadeamento de ações coerentes que viabilizem seus objetivos curriculares (Sacristán, 1998; Pacheco, 1996). Como as ações docentes e discentes são decididas e programadas de forma coletiva, tornando todo o processo curricular mais coeso, reduzindo-se a influência do currículo interpretado por intermediários, é possível neste contexto curricular, que a arquitetura do ambiente seja articulada com o projeto e seus materiais superem a individualização presente em projetos de tendência não integrada. De qualquer forma é preciso considerar que:

1º- A sala de aula é território constituído pelo(a) professor(a) e seus alunos, sendo marcado e demarcado pelas práticas desses sujeitos sociais. Cada professor ou professora apõe seus materiais decorativos nas salas de aula sob sua responsabilidade em que veiculam seus próprios discursos com suas representações e buscam estabelecer uma relação entre o desenvolvimento da escolarização, o grupo de alunos, e o projeto curricular. E esses materiais podem ser confeccionados por eles próprios ou são escolhidos pela atribuição de pertinência aos conteúdos e ações educativas desenvolvidas.



2º - A sala de aula é contexto microcurricular onde entrecruzam práticas discursivas e práticas de poder e onde, também, a questão da diferença se vislumbra, muito fortemente, compondo um cenário “sui generis” nos processos de subjetivação de professores e alunos. A sala de aula é um micromundo cultural em que se misturam todas as vivências e experiências culturais de alunos/alunas, professores/professoras, com idades diferentes, oriundos de grupos sociais diversos e com práticas sociais diferentes. A sala de aula é território histórico de produção da identidade e da diferença e onde as redes de subjetivação têm uma relevância fundamental, se levarmos em consideração o que diz Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (Hall, 2000, p. 109)

Na sala de aula, se estabelece uma rede de relações intersubjetivas, nas quais se entrecruzam poder, conhecimentos e saberes, concepções culturais, religiosas, políticas, éticas, estéticas, étnicas e nas quais ocorrem processos de subjetivação - subjetividades em fricção.

3º - A sala de aula é espaço cultural polissêmico, onde é possível a convivência intercultural, um espectro multicultural de etnias, raças, crenças religiosas e políticas, gênero, vivências sexuais, experiências políticas, etc. O jogo das diferenças entre os sujeitos sociais escolares, como denominam Gonçalves & Silva (1998), produz condições de práticas curriculares neste microcosmo cultural que a é sala de aula e suas decorações podem contê-las de alguma forma.

4º - As escolhas de materiais decorativos são parte de consenso ou dissenso entre os grupos discentes e docentes. São opções de professores, na maioria das várias vezes,

sem interferência de alunos, embora em alguns trabalhos os alunos possam decorar o espaço da sala de aulas por sua iniciativa, com materiais visuais de suporte para apresentações. Até nessa questão o que preside as ações são as práticas de poder (Foucault, 1988), que ocorrem em todos os espaços.

Assim, dependendo do tipo de prática que se constitui na escola, a escolha de uma gravura com uma família, uma frase contendo discurso comemorativo pode ser colocada na sala de aula e pressupõe certa interpretação da mesma, feita pelo professor ou pela professora, ou por grupo de professores que materializam suas representações culturais, sociais, políticas, científicas, éticas e morais. São retratos culturais de seus autores.

Embora reconhecendo a predominância das práticas de decoração como função docente, é possível que, em casos específicos, os alunos as realizem, de forma complementar e sem uma determinação pedagógica auto-definida. A esses materiais decorativos feitos pelos alunos, também, se aplicam as análises feitas sobre os professores, embora devam ser observadas questões ligadas ao que se pode chamar de práticas discursivas discentes sobre os fazeres escolares. Esses discursos veiculam representações dos alunos ao realizarem atividades típicas da docência, como apresentação de trabalhos, exposições orais, etc., e tendem a replicar as práticas docentes. É preciso não esquecer que essas replicações são práticas de poder discente na fricção com práticas de poder de professores e gestores.

Decorações curriculares e discursos estéticos: *kitsch*³, bricolagens e polissemia cultural

Uma leitura de possíveis discursos estéticos dos motes decorativos nas escolas permite constatar que as preocupações fundamentais estão ligadas ao teor das mensagens e suas finalidades formativas, tanto sob o ponto de vista da apreensão de conteúdos definidos como conhecimento da escola, quanto dos princípios de educação moralizadora e de

³ O **kitsch** é um termo, de origem alemã, *verkitschen*, que é usado para categorizar objetos de valor estético distorcidos e/ou exagerados, que são considerados inferiores à sua cópia existente, frequentemente associados à predileção do gosto mediano e pela pretensão de, fazendo uso de estereótipos e chavões que não são autênticos, tomar para si valores de uma tradição cultural privilegiada. Eventualmente objetos considerados *kitsch* são também apelidados de *brega* no Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kitsch>. Acessado em 30/03/07.

educação cultural formal vinculada à produção de saberes de cunho científico. A escola reconhece formalmente essa dimensão vinculada às ciências, mas não expressa clareza com relação aos conteúdos moralizantes de suas práticas. A relação estreita que há entre os dois conteúdos nas práticas escolares pode ser apreendida, se forem observadas as utilizações das arquiteturas espaciais, dentre outras questões.

As decorações de ambiente da sala de aula buscam dar suporte aos discursos de formação previstos nos currículos, embora respondam, também, aos processos discursivos dos professores. Esses elementos são viabilizadores curriculares, dentre outros utilizados pelos professores, de tal forma que as decorações estão no contexto curricular, dando suporte a uma política de transmissão dos conteúdos programados e à viabilização da assimilação dos mesmos pelos alunos. A busca por esses materiais é mais ou menos individualizada, de acordo com a política curricular em execução.

Os discursos culturais que integram o imaginário dos docentes é a fonte privilegiada da decoração dos ambientes de sala de aula. Tanto a ausência da decoração com o vazio programado, quanto a decoração pela bricolagem de imagens e mensagens sustentam-se em discursos pedagógicos e menos em discursos sustentados em concepções de natureza estética. As práticas discursivas culturais, religiosas, políticas, familiares e a influência dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, são fatores que sustentam o conteúdo das decorações e definem suas formas estéticas. Na análise dos motes decorativos das salas de aula, é possível apreender algumas dessas características, que podem estar articuladas ou isoladas em um único material.

É possível apreender certa despreocupação com a forma, como elemento de composição do material e o predomínio da comunicação direta, ou seja, os elementos de cunho estético são instrumentos de veiculação de discursos e não têm uma finalidade em si. Um cartaz pode ser composto com elementos decorativos sem relação com o discurso escrito, por exemplo. Nem sempre é visível a preocupação com a relação entre conteúdos e formas discursivas e suas bases estéticas. As figuras utilizadas nem sempre correspondem as suas representações culturais e de realidade social e histórica.



Assim, é possível usar uma imagem de um aborígene estadunidense num elemento decorativo relativo ao dia do índio brasileiro, como é possível uma gravura natalina com neve para decoração na sala de aula. O que parece estar em questão são os discursos evidentes e não os subjacentes de caráter cultural, histórico, por exemplo. Assim, os discursos embutidos nas mensagens e seus componentes culturais, políticos, econômicos, etc., não são levados em consideração. As práticas decorativas são, também, práticas de poder que compõem as redes de intersubjetividades que se constituem nos processos curriculares, nas escolas.

Uma outra característica importante é a ênfase conferida à emocionalidade no discurso, ou seja, há a tentativa de imediata resposta emocional ao objeto decorativo, em que a busca de resultados suplanta o seu possível fundo estético. Não há, pois, nestas decorações preocupações evidentes de seu uso para formação estética dos alunos. Os materiais são híbridos em que, em muitos casos, é possível apreender processos semelhantes ao *kitsch*, como na ilustração fotográfica a seguir. Há distorção de materiais e de conteúdos na busca pelo efeito imediatista da mensagem emotiva, buscando seu efeito discursivo pela simplificação do conteúdo e da forma. Não é visível nesses elementos decorativos a preocupação com a estética como constituinte dos processos de subjetivação, o desenvolvimento da sensibilidade e relação sensível com o mundo, com o outro, consigo mesmo, com as coisas. Os elementos decorativos

nas escolas, especialmente nas salas de aula, em grande parte, se sustentam na emocionalidade.



Acrescente-se a preocupação com a forma direta dos textos o que pode ser traduzido como a busca pela facilidade de interpretação da mensagem, sustentada na busca da obviedade e eliminação da ambigüidade dos discursos. Essa característica tem conseqüências sobre as concepções estéticas dos materiais decorativos veiculadores dos conteúdos de escolarização.

Uma notação importante é a criação de imagens sem contradições na forma e fundo que sustentam discursos que visam à distinção entre o bem e o mal, o feio e o belo, etc., com uma tentativa de integração de concepções éticas e estéticas no mesmo processo discursivo. A relação entre bem e mal, bonito e feio, agradável e desagradável, branco e negro estabelece, através dessas separações binárias, a integração de elementos discursivos positivizados (bom, belo, agradável, branco, etc) contrapostos a elementos discursivos negativizados (mau, feio, desagradável, negro, etc.) com possíveis efeitos nos processos de subjetivação integrando discursos estéticos e éticos e podem incluir questões de cunho social sérios, como relacionar beleza a critérios étnicos, físicos, de gênero, de sexualidade, de moral e imoral, de riqueza e de pobreza. Isto se agrava se forem consideradas as características desses elementos descritos, anteriormente, em que fica evidenciada separação conteúdo e forma, o uso da emocionalidade em detrimento

da emoção e a eliminação da ambigüidade dos discursos. A título de exemplo, podem ser vistos, nas escolas, cartazes com protótipos de crianças brancas e saudáveis representando o bom comportamento, ou modelos de família representados por pessoas brancas com pai, mãe e filho com características de grupos da elite social.

Há, como última característica, tanto sob o ponto de vista da forma, quanto do conteúdo, a presença de bricolagens caracterizadas pela presença de hibridizações de várias ordens. As misturas de materiais e técnicas, de discursos de cunho científico e moralista, cultural e religioso, por exemplo, são comuns, no contexto das práticas curriculares. É possível, também, a concomitância de usos de discursos com conteúdos considerados obsoletos e, por conseqüência, abandonados e superados, com outros atualizados e considerados avançados. Discursos científicos sobre o homem, convivem com visões do senso comum, às vezes no mesmo material decorativo.

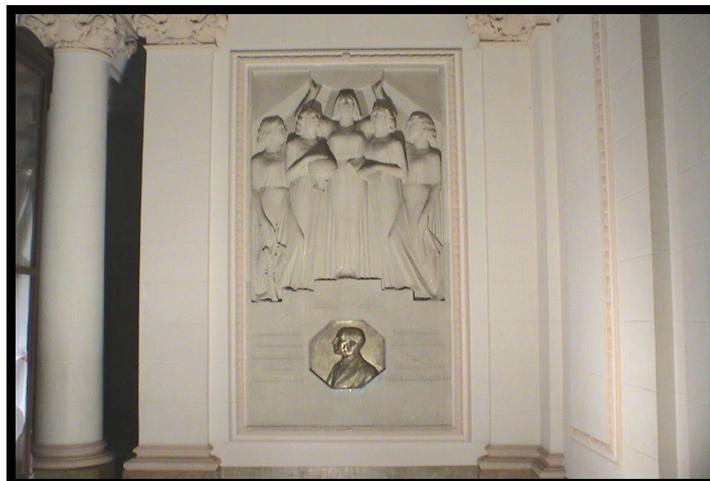
As bricolagens estão presentes nas combinações de materiais e técnicas díspares nas composições de elementos decorativos, como cartazes, murais e materiais vinculados aos conteúdos curriculares. Outra forma de bricolagem é a utilização conjunta de estilos de técnicas e de composição plástica dos elementos decorativos, com a possibilidade de convivência concomitante de elementos barrocos, cubistas, expressionistas, impressionistas, sem que haja elucidação de seus discursos estéticos próprios. A complexidade dos materiais está ligada a sua diversidade de formas e conteúdos e sua mistura híbrida o que dificulta a interpretação de seus processos discursivos estéticos, éticos, educativos, políticos, isto é, as práticas de poder em que estão imbricados.

Considerações finais

Os elementos decorativos produzem relações discursivas nos contextos curriculares, com conseqüências sobre os processos de subjetivação dos sujeitos, tanto alunos e alunas, quanto professoras e professores e outros profissionais que constituem redes de intersubjetividades, em suas práticas escolares. Mesmo considerando os problemas que apresentam, é preciso relativizar os efeitos dos materiais decorativos nos processos de subjetivação que ocorrem nos contextos curriculares. Assim, uma estátua de santo entronizada no saguão de uma escola ou um retrato de um herói da pátria terá seu papel

educativo efetivado de maneira mensurável tão somente a partir de seus efeitos nos processos discursivos determinados pelas suas representações para os sujeitos que se relacionam com eles. Ou seja, seus significados discursivos terão efeitos sobre esses sujeitos, na medida das relações discursivas que sejam estabelecidas nas práticas desses sujeitos nos seus territórios curriculares e escolares.

As decorações de ambiente em espaços para além das salas de aula podem ser mais permanentes. São às vezes, demarcações territoriais, ou barreiras espaciais ou meros apostos às paredes e salas e produzem práticas discursivas que compõem o contexto de subjetivação escolar e curricular. Uma grande escultura no saguão, como a presente na ilustração abaixo, terá efeito nos processos de subjetivação quanto maior sejam as possibilidades de relação de sentido com os estudantes, com professores, funcionários. E assim pode ser tanto para elementos decorativos que possam ser considerados esteticamente adequados, quanto para os que contenham hibridismos culturais e estéticos.



Trabalho da escultora Madame Mildred, no saguão do Instituto de Educação de Minas Gerais-Belo Horizonte

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano - I Artes de Fazer* 4ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1995.

DUSSEL, Inês. O Currículo híbrido: domesticação ou pluralização das diferenças. In LOPES, Alice C. & MACEDO, Elizabeth (Orgs) *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez Editora, 2002-(P. 55-77)- (Série cultura, memória e currículo, v.2)

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GONÇALVES, Luis A. & SILVA, Petronília G. *O jogo das diferenças - O Multiculturalismo e seus Contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T.(Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000 - (P.103-133)-

McLAREN, Peter. *Rituais na Escola: Em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

PACHECO, J.A. *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1996. – (Coleção Ciências da Educação., Vol 22).

SACRISTÁN, J. G. *O Currículo - Uma Reflexão sobre a Prática*, 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOMÉ, J.T. *Globalização e Interdisciplinariedade: o Currículo Integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.